

UNTERDRÜCKUNG E VERDRÄNGUNG NO FINAL DA OBRA DE FREUD

Daniel Polimeni Maireno
Universidade Estadual de Maringá

Recebido em: 06/10/2023
1ª revisão em: 28/02/2024
Aceito em: 22/03/2024

RESUMO

O presente estudo visa avaliar, a partir da leitura integral de alguns dos escritos tardios da obra freudiana, as relações entre os termos *Verdrängung* e *Unterdrückung*. Nesse sentido, ele dá sequência a um percurso investigativo que focalizou o período inicial da obra freudiana, no qual concluiu-se serem frágeis os argumentos favoráveis a uma diferenciação categórica entre os dois termos na obra de Freud – o que poderia impactar no debate em torno das recentes traduções da mesma. (cf. Maireno, 2023) Ao final do presente trabalho, conclui-se que a posição defendida no trabalho anterior permanece válida, apesar de algumas linhas argumentativas – curiosamente pouco exploradas pelos comentadores – serem potencialmente fortes para perturbá-la.

Palavras-chave: *Unterdrückung; Verdrängung; Freud.*

UNTERDRÜCKUNG AND VERDRÄNGUNG AT THE END OF FREUD'S WORK

ABSTRACT

The present study aims to evaluate, based on a complete reading of some Freud's last writings, the relationships between the terms *Verdrängung* and *Unterdrückung*. So, it continues an investigation that at the beginning focused on the initial period of Freud's work, in which it was concluded that the arguments in favor of a radical differentiation between both terms in Freud's work are fragile - which could impact the debate around its recent translations. (cf. Maireno, 2023) At the end of this work, it is concluded that the position defended in the previous work remains valid, despite some arguments – curiously little explored by commentators – being potentially strong enough to disturb it.

Keywords: *Unterdrückung; Verdrängung; Freud.*

UNTERDRÜCKUNG Y VERDRÄNGUNG AL FINAL DE LA OBRA DE FREUD

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo evaluar, a partir de una lectura completa de algunos de los últimos escritos de Freud, las relaciones entre los términos *Verdrängung* y *Unterdrückung*. Continuamos así un camino que se centró en el período inicial de la obra de Freud, en el que se concluyó que los argumentos a favor de una diferenciación radical entre ambos términos en la obra de Freud son débiles - lo que podría impactar el debate en torno a sus traducciones recientes. (cf. Maireno, 2023) Al final de este trabajo, se concluye que la posición defendida en el trabajo anterior sigue válida, a pesar de que algunos argumentos – curiosamente poco explorados por los comentaristas – son lo suficientemente fuertes como para perturbar esto.

Palabras clave: *Unterdrückung; Verdrängung; Freud.*

INTRODUÇÃO

Em um trabalho anterior buscou-se problematizar a convicção de parte do campo psicanalítico quanto à existência de uma clara diferença entre *Verdrängung* (normalmente traduzido por repressão, mas também por recalque/recalcamento) e *Unterdrückung* (ora traduzido por supressão, ora por repressão) na obra de Freud, o que exigiria, portanto, igual diferenciação entre seus correlatos em português. Discordando da existência de tal diferença clara, alguns comentadores e tradutores de Freud lidam com ambos os termos de forma mais intercambiável, não vendo problemas em traduzir *Verdrängung* por repressão mesmo que vez ou outra a opção seja por supressão, bem como traduzir *Unterdrückung* por supressão, em geral, e às vezes por repressão. Tais posições divergentes, não raro, fomentam debates e tensões em torno de quais traduções seriam as melhores ou mais fiéis ao pensamento de Freud.

Entre os que defendem uma clara distinção entre os dois termos, verificou-se então haver uma tendência a convergirem:

[...] sobre o fato de *Verdrängung* indicar um processo interno e exclusivamente inconsciente, implicando o atravessamento do Cs. para o Ics., enquanto *Unterdrückung* implica processos conscientes acionados por razões externas, e que no máximo poderiam transpor algo do Cs para o Pcs. (Maireno, 2023, p.2, grifos do autor)

Para fundamentar a crítica a tal tendência, dois textos inaugurais da obra freudiana – *A Interpretação dos Sonhos* e *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* – foram explorados integralmente. A ideia era tratar em profundidade do período inicial da produção freudiana, quando os conceitos fundamentais da Psicanálise foram forjados. Pode-se então demonstrar serem frágeis ora uma, ora outra das afirmações resumidas na citação acima, revelando-se mais embaçadas as fronteiras entre *Verdrängung* e *Unterdrückung* na escrita freudiana. Consequentemente, considerou-se ao final que, não havendo razão para sustentar tal diferenciação conceitual entre os referidos termos de modo categórico, tampouco haveria razão para fundamentar querelas terminológicas em torno de suas respectivas traduções.

Entende-se que tal percurso pode ter deixado margem para questionamentos quanto à limitação do material abordado: será que o que nessa primeira pesquisa se buscou defender poderia se sustentar a partir de uma leitura mais abrangente da obra freudiana? Não teria a produção freudiana ulterior alterado ou discriminado substancialmente os conceitos ali abordados, de tal forma que o que ali se defendeu, pautando-se nos textos de 1900 e 1905, não faria sentido à luz, por exemplo, de textos das décadas de 1920 ou 1930?

O presente trabalho pretende dar resposta a esses legítimos questionamentos. Para tanto, concentra-se desta vez nos textos tardios de Freud com vistas a averiguar em quais termos a questão foi deixada ao final da obra freudiana – permitindo que fosse retomada de diversas maneiras pelo movimento psicanalítico pós-freudiano, sendo tal tópico ainda parte importante dos debates em torno da tradução de Freud. É uma forma de testar se o que ficou demonstrado em nossa pesquisa anterior – a saber, que são questionáveis os esforços em discriminar de modo categórico *Verdrängung* e *Unterdrückung* na obra de Freud, bem como seus respectivos correlatos em português – resiste também a uma abordagem mais abrangente.

Tal como antes, a presente pesquisa se deu pelo cotejamento entre, de um lado, as traduções mais recentes dos textos freudianos para o idioma português e, de outro, os originais em alemão.

REMAPEANDO A POLÊMICA

Logo no início do *Compêndio de Psicanálise*, um dos últimos escritos de Freud que, apesar de inacabado, consistiu em sua tentativa derradeira de resumir o conhecimento psicanalítico acumulado até então, Freud faz uma discussão sobre o Eu, dividindo-a em duas partes: primeiro, atentando para as relações entre Eu e mundo externo; depois, para as relações entre Eu e Id. Segundo Freud, o Eu atua “[...] perante o Id, adquirindo controle sobre as reivindicações dos instintos, decidindo se devem chegar a ter satisfação, adiando essa satisfação para momentos e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo [*unterdrückt*] simplesmente as excitações deles.” (1940/2018b, p. 193; 1940/1955a, p. 68)¹

Eis o Eu, instância intrapsíquica por excelência, retratado como agente da *Unterdrückung*, o que já traz problemas para os que afirmam serem sempre razões externas, e não intrapsíquicas, as causas da *Unterdrückung*. Em outra tradução recente do mesmo texto consta nesse ponto uma nota editorial na qual se chama a atenção para o “[...] debate sobre *Recalque/Recalcamento* ou *Repressão*.” Tal nota lembra que:

Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis no *Vocabulário de Psicanálise* propõem uma clara diferenciação entre ambos, dando a entender que em Freud *Unterdrückung*, diferentemente de *Verdrängung*, remeteria a uma *supressão* momentânea e/ou não transposta para o sistema inconsciente. (Tavares, in Freud, 1940/2014c, p. 180, grifos do autor)

Com essa observação Tavares destaca que, segundo Laplanche e Pontalis, haveria diferenças entre *Verdrängung* e *Unterdrückung* ou do ponto de vista da extensão

temporal – a segunda seria momentânea; a primeira, mais duradoura – ou da extensão topográfica envolvida – na primeira haveria o atravessamento entre instâncias *Pcs-Cs* e *Ics*; na segunda, tudo se limitaria às instâncias *Pcs-Cs*, perspectiva esta convergente com o que defendem outros comentadores (cf. Maireno, 2023).

Na continuidade da nota, no entanto, lê-se o seguinte: “De fato, em Freud, ainda que ele proponha algo nesse sentido, nem sempre essa distinção é observada como, aliás, parece ser o caso presente.” (Tavares, op. cit., p. 180)

Neste trabalho se buscará mais uma vez, a exemplo de nossa pesquisa anterior, fundamentar uma posição divergente da de Laplanche e Pontalis, à qual recorre a referida nota.

SUPRESSÃO, REPRESSÃO, OU O QUE MAIS?

Tomaremos como ponto de partida de nosso aprofundamento o texto *O mal-estar na civilização*. Após sobrevoar algumas concepções do senso comum, Freud inicia uma discussão sobre o que caracterizaria a essência do processo civilizatório. Segundo ele, o que aí se destaca diz respeito a uma reordenação da economia pulsional de cada sujeito singular, seja coadunando em traços caracterológicos, seja em sublimações ou em verdadeiras renúncias pulsionais. Tratando especificamente desta última vicissitude, Freud afirma:

[...] é impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou o quê mais? [*Unterdrückung, Verdrängung oder sonst etwas?*]) de instintos poderosos.” (1930/2010f, p. 60; 1930/1955b, p. 457)

É notória a indefinição terminológica colocada pelo autor entre parênteses, fazendo praticamente se equivalerem os dois termos – compondo aquilo que Hanns denomina trama enfática, “[...] quando se pretende reforçar um ponto de vista [...] repetindo certas palavras mas também convocando outras que *circumscrevem uma mesma ideia*. Utilizam-se então termos que em determinado contexto *se equivalem [...]*” (2004, p. 17, grifos nossos).

Seguindo, cabe notar que essa passagem aprofunda uma ideia nada nova no pensamento freudiano. Pouco antes, em *Resumo da psicanálise*, Freud ocupa-se também do quanto o devir cultural se fundamenta em renúncia pulsional:

Com os subseqüentes progressos na civilização cresceram também as exigências da repressão [*die Ansprüche der Verdrängung*]. Afinal, a civilização se baseia na renúncia

instintual, e cada indivíduo, em seu caminho da infância à maturidade, repete em sua própria pessoa esse desenvolvimento da humanidade rumo a uma sensata resignação. A psicanálise mostrou que são sobretudo, embora não exclusivamente, impulsos instintuais sexuais que sucumbem a essa repressão cultural [*kulturellen Unterdrückung*]. (1924/2011b, pp. 247-248; 1924/1967, pp. 425-426).

Vê-se que tanto no início quanto no término da passagem consta uma mesma ideia, a qual é transmitida, porém, apoiando-se inicialmente em *Verdrängung*, depois em *Unterdrückung*.² O que corrobora a impressão obtida diante da passagem supracitada do texto de 1930: em ambas Freud parece pouco se importar com a suposta delimitação precisa entre os dois termos, importando-se mais em destacar o fato da não satisfação ou renúncia necessárias ao processo civilizatório.

Na continuação do texto de 1930, Freud coloca que “essa ‘frustração cultural’ domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens [...]” (1930/2010f, p. 60, grifo nosso), o que sugere estar ele convidando o leitor a pensar no sujeito que, a fim de inserir-se na cultura, precisa lidar com uma força coercitiva primordialmente *externa*, o que segundo alguns comentadores – p. ex. Bettelheim (1983) e Coutinho Jorge (2005) – impediria o uso de *Verdrängung*. Mas o que vemos na passagem é bem o contrário: não só Freud usa *Verdrängung* como o faz lado a lado com *Unterdrückung*.

Já no sétimo capítulo de *O mal-estar na civilização* encontra-se uma interessante discussão sobre as origens do Super-eu, bem como duas possibilidades para entender não exatamente sua origem, mas sua severidade: a primeira, como “[...] prosseguimento do rigor da autoridade externa [...]”; a segunda, como a internalização e direcionamento ao próprio Eu de “[...] toda a agressividade que a criança gostaria de exercer contra ela [a autoridade externa].” (Freud, 1930/2010f, p. 100) É claro que tais alternativas não são excludentes; tampouco são as duas únicas envolvidas no cálculo da agressividade superegoica.³

Nesse ponto, Freud acrescenta: “[...] pode-se mesmo afirmar que a consciência surgiu inicialmente pela supressão [*Unterdrückung*] de uma agressão, e que depois se fortalece por novas supressões [*Unterdrückungen*] desse tipo.” (1930/2010f, p. 100; 1930/1955b, p. 489, grifo nosso) Uma argumentação semelhante é feita na conferência *Angústia e instintos*:

Na instauração inicial do Super-eu certamente foi empregada, no aparelhamento dessa instância, a porção de agressividade contra os pais que a criança não podia descarregar para fora, tanto devido à sua fixação amorosa como às dificuldades externas, e por isso o rigor do Super-eu não corresponde simplesmente à severidade da educação. É bem possível que, em ocasiões

posteriores de repressão da agressividade [*Unterdrückung der Aggression*], o instinto tome o mesmo caminho que lhe foi aberto naquele momento decisivo. (Freud, 1933/2010c, pp. 260-261; 1933/1961a, p. 117, grifo nosso).

Vejamos: por “fixação amorosa” deve-se entender um componente *intrapsíquico* que favorece a contenção da agressividade, ao contrário das “dificuldades externas” – aqui provavelmente uma referência às disparidades mecânicas, musculares, de força física, entre crianças e adultos. Isso mostra que participariam da *Unterdrückung der Aggression* tanto forças *internas* (ambivalência afetiva) quanto *externas* (disparidade física) – o que compromete a posição de Bettelheim, segundo o qual o uso de *Unterdrückung* em Freud restringe-se às situações em que forças externas se encarregam do combate defensivo.

As indicações “depois” e “em ocasiões posteriores” grifadas nas duas citações acima significam um tempo após a internalização da interdição externa, sedimentada já no Super-eu. Inicialmente ter-se-ia então um conflito entre o psiquismo frágil de um lado e, de outro, a imponentia do mundo exterior representado primeiramente pelos objetos primários, os quais inaugurariam um circuito ou roteiro que, posteriormente, seriam trilhados por diferentes objetos ante os quais a agressividade do sujeito esbarraria na *Versagung*, a frustração.

A situação torna-se ainda mais complexa quando, mais adiante, Freud inclui no cálculo da severidade superegoica a hipótese filogenética, herança de suas especulações freudo-ferenczianas de cunho lamarckista.⁴ Como se trata de um tema espinhoso, porém importante para avançarmos na discussão aqui proposta, cabe fazer uma breve digressão.

Sobre esse ponto de vista muito mais abrangente e arcaico, o “modelo filogenético” em que o pai em questão é “o pai da pré-história”, Freud afirma:

Não podemos afastar a hipótese de que o sentimento de culpa da humanidade vem do complexo de Édipo e foi adquirido quando do assassinio do pai pelo bando de irmãos. Ali a agressão não foi suprimida [*unterdrückt*], mas levada a efeito; a mesma agressão cuja supressão [*Unterdrückung*] deve ser fonte de sentimento de culpa na criança. (1930/2010f, p. 102; 1930/1955b, pp. 490-491).

Caso se considerasse apenas a primeira parte da sentença, ganharia força a perspectiva da alteridade da interdição, sustentada nos primórdios da humanidade por uma força externa, o líder e membro mais forte da horda, mas que num dado momento, com o levante do bando de irmãos contra ele, perdera sua força e sua liderança, não resistindo então à vazão direta da agressividade sobre si. Noutras palavras, a força bruta do pai da pré-história – que por um bom tempo impedira,

suprimira (*unterdrückt*) a descarga da agressividade da horda sobre ele – fracassou em resistir aos impulsos parricidas no momento de seu assassinato, trazendo como resultado sua morte e, em seguida, o sentimento de culpa compartilhado pelo bando de irmãos.

Quanto à segunda parte da sentença, a que salta da filogênese para a ontogênese, da pré-história da humanidade para a pré-história de cada sujeito singular que deve ainda hoje subjetivar-se em uma dada cultura, a questão se complica, pois a teoria de Freud, como sugerido ao final do sétimo capítulo de *O mal-estar na civilização*, é justamente a de que essa culpa primordial, corolário do impulso parricida, atravessaria as gerações para hoje manifestar-se como herança arcaica com potencial de favorecer o sentimento de culpa nos indivíduos de modo menos dependente das circunstâncias ambientais do presente.⁵ Razão pela qual mesmo “[...] uma criança educada brandamente”, afirma Freud, ainda assim “pode ter uma consciência bastante severa.” (1930/2010f, p. 101)

Ou seja – e aqui finalizamos a digressão – mesmo considerando situações nas quais a criança não esbarre com impedimentos externos e suas consequentes reações agressivas contra eles, ainda assim ela poderia, pela hipótese filogenética, sentir-se impelida à agressão quando frustrada e, conseqüentemente, sentir-se culpada. Nesse caso, o processamento psíquico se daria majoritariamente de modo *intrapsíquico*, já que os objetos externos pouco ou nada contribuiriam para ativar a predisposição agressiva infantil.

Não é nossa intenção avançar nesse debate sobre herança arcaica ou sobre as relações entre ontogênese e filogênese no pensamento de Freud. O que importa destacar é que no caso da criança que sente culpa pela agressão não descarregada nas inevitáveis interdições da infância não se trata mais apenas de obstáculos externos – como no caso dos irmãos da horda primeva – mas sim também de barreiras já internalizadas pela herança arcaica. No entanto, Freud não se preocupa em utilizar *Unterdrückung* no primeiro caso e *Verdrängung* no segundo – é o que seria de se esperar, segundo alguns comentadores; em vez disso, vêmo-lo usar o primeiro termo para ambas as situações.

O oitavo capítulo de *O mal-estar na civilização* segue no mesmo raciocínio: “[...] é somente a agressividade que se transforma em sentimento de culpa, ao ser suprimida [*unterdrückt*] e transmitida para o Super-eu.” (1930/2010f, p. 112; 1930/1955b, p. 498) Porém, mais adiante Freud indica ter chegado a uma espécie de fórmula geral para se pensar no “processo de repressão” (*Verdrängungsvorgänge*): “[...] quando uma tendência instintual sucumbe à repressão [*Verdrängung*], seus elementos libidinais se transformam em sintomas, seus componentes agressivos, em sentimento de culpa.” (1930/2010f, p. 113; 1930/1955b, p. 499). Cabe notar ainda que a razão imediata para o desencadeamento dos impulsos agressivos – a saber, um impedimento *exterior* – é citado aqui como sucumbindo à *Verdrängung*, e não à *Unterdrückung*, o que

reforça a ideia de que essa diferença terminológica está longe de parecer categórica para Freud.

A SITUAÇÃO NAS NOVAS CONFERÊNCIAS

As formulações de Freud sobre os destinos da agressividade guiaram sua interlocução com Albert Einstein sobre a guerra, o que resultou no texto *Por que a guerra?*. Nele Freud analisa a complexidade de determinantes que impelem a humanidade ao conflito, eventualmente à suspensão das instituições sociais, tais como o Direito. Analisa também a sempre iminente tendência à agressão explícita, a qual cada vez mais, com o avançar dos anos 1930, assumirá lugar de destaque enquanto razão maior do mal-estar na cultura.

Nesse pequeno texto as perspectivas de Brant, entre outros, quanto à origem exterior e a natureza por vezes política da *Unterdrückung* encontram um bom respaldo. (cf. Maireno, 2023; Souza, 1999) Merece especial atenção a discussão de Freud sobre a existência de relações desiguais de poder entre, de um lado, grupos dominantes, sempre inclinados a “[...] retrocederem do domínio do direito para o domínio da violência [...]” e, de outro lado, os “[...] constantes esforços dos oprimidos [*Unterdrückten*] para conquistar mais poder [...]” (1932/2010g, p. 422; 1932/1961j, p. 16) Luta *entre* classes, e não *intra*-indivíduo, portanto, é o que se capta dessa passagem.

O problema para a concepção de Brant é que tal perspectiva materializada de modo tão claro acima não parece prosperar ou se fazer predominante. Vejamos por exemplo como o tema retorna nas novas conferências de introdução à Psicanálise, produzidas aproximadamente na mesma época que a carta a Einstein.

Em sua *Revisão da teoria do sonho*, Freud reitera a inutilidade de escrever os sonhos com o propósito de não esquecer-los; ainda hoje muitos pacientes pensam que, assim procedendo, estariam favorecendo o trabalho analítico sobre eles. Reafirma que tal atividade de transcrição não supera, mas apenas adia a resistência para o momento posterior de associar sobre o relato transcrito. Não tendo a resistência operado logo após o despertar – noutras palavras, tendo sido frustrada a resistência em sua meta de gerar o esquecimento defensivo – ela se deslocará para o momento da associação em sessão. Freud conclui: “[...] não devemos nos admirar de que um incremento da resistência [*Ansteigen des Widerstands*] suprima as associações [*die Assoziationen unterdrückt*] e faça malograr a interpretação.” (1933/2010h, p. 136; 1933/1961h, p. 14)

Sabemos desde os primórdios da Psicanálise – e, de modo ainda mais inequívoco, desde a conferência *Resistência e repressão* – que a resistência, *der Widerstand*, é a face clínica, sensível, da *Verdrängung*.⁶ Mas também da *Unterdrückung*, como prova a citação acima. Suprimir as associações equivale a mantê-las em estado latente, não na qualidade *pré-consciente* – capaz de consciência – mas sim *inconsciente* no

sentido dinâmico, de acesso barrado à consciência. Logo, não parece haver razões para sustentar que a extensão da *Unterdrückung* se limitaria ao sistema *Pcs*, como defendem por exemplo Laplanche e Pontalis (2000). Muito mais coerente é admitir que aqui o termo *unterdrückt* simplesmente equivale a *verdrängt*.

Na conferência seguinte, *Sonhos e ocultismo*, vemos o termo *Unterdrückung* se articular a outro fenômeno caro à clínica psicanalítica, a transferência, a qual tal como a resistência também não raro aparece na obra freudiana vinculada particularmente à palavra *Verdrängung*. O contexto é um tanto quanto inusitado: trata-se de um exemplo clínico em que um rapaz não consegue sair de uma relação com uma “mulher mundana”,⁷ relação esta marcada por agressões e humilhações compulsivas.

A análise revelou que tal mulher mundana era apenas uma infeliz substituta de outra mulher, afetivamente mais relevante, que por muito tempo fora amada, mas para a qual agora o rapaz inconscientemente desejava a morte: “a compulsão de que ele se queixava em relação a essa pessoa substituta, e que o impeliu à análise, naturalmente fora transferida [*übertragen*] da antiga amada para ela; era dela que ele queria se livrar, mas não podia.” (1933/2010i, p. 178; 1933/1961i, p. 49)

Esta última mantinha com ele uma relação há décadas, a qual fora marcada em seu início pela rejeição dele por parte dela e a conseqüente tentativa de suicídio feita por ele. Após a tentativa malograda de suicídio, a dama sensibilizara-se, cedendo então ao início do relacionamento. Agora, tendo ambos envelhecido,

[...] surgiu nele a necessidade [*das Bedürfnis*] de afastar-se dela, ficar livre, levar uma vida própria [...]. E juntamente com esse fastio avivou-se nele a necessidade, há muito reprimida [*das lange unterdrückte Bedürfnis*], de vingar-se da amada. [...] Mas seu amor era ainda forte demais para que esse desejo [*dieser Wunsch*] se tornasse consciente [...]. Nesse estado de espírito ele tomou a mundana como uma espécie de bode expiatório [...]. (1933/2010i, p. 177; 1933/1961i, p. 49).

A necessidade, *das Bedürfnis*, de liberdade lhe era provavelmente consciente; já a *Bedürfnis* – ou o *Wunsch* – de vingar-se dela na mesma moeda não o era.⁸ Ao contrário: encontrava-se *das lange unterdrückte*. A compulsão ao relacionamento violento é sintoma de seu ódio vingativo não satisfeito, de sua necessidade de vingança, de seu desejo de morte à mulher amada.⁹ O fato da mundana assumir seu lugar – já que também o amor o ligava à antiga amada, impedindo que esta fosse o alvo da agressão – é evidência de uma transferência.

Não seria de se esperar que Freud, como fizera tantas outras vezes, articulasse tal fenômeno transferencial bem como tal compulsão sintomática à *Verdrängung*, ambos correspondendo a retornos nas relações atuais disso que permanecera há muito inconsciente? Por que Freud não afirmou que tais inclinações agressivas

moralmente inaceitáveis estavam *das lange verdrängte* em vez de *das lange unterdrückte*? A nosso ver, a resposta é: simplesmente porque para ele não houve aqui razão para diferenciar radicalmente uma coisa da outra.

As três menções seguintes à *Unterdrückung* nas conferências de 1933 nada têm a ver com a teoria ou a clínica psicanalíticas; talvez por isso, sirvam mais para uma breve amostra de como tal termo se insere no linguajar alemão comum. Ambas tratam de processos semelhantes: na primeira, ainda tratando de exemplos clínicos na conferência *Sonhos e ocultismo*, Freud alerta sobre sua necessidade de “suprimir várias coisas [*vieles unterdrücken*]” (1933/2010i, p. 179; 1933/1961i, p. 50) de sua exposição; na segunda, comenta como deve ser difícil para um biógrafo deixar de lado, “suprimir a necessidade de aprofundamento psicológico [*das Bedürfnis nach psychologischer Vertiefung zu unterdrücken*]” (1933/2010a, p. 204; 1933/1961f, p. 72) das figuras biografadas. Por fim, Freud afirma que “não podemos suprimir [*nicht unterdrücken können*]” (1933/2010a, p. 221; 1933/1961f, p. 84) um lamento ou uma exclamação ao avaliarmos a difícil tarefa do Eu de servir seus três senhores – Id, Super-eu e realidade externa.

De fato, não faria sentido algum falar aqui em recalcar ou reprimir – *verdrängen* – uma exclamação ou lamento banais, ou ainda a tentação consciente de aprofundar as sutilezas psicológicas de uma figura famosa ao escrever uma biografia sobre ela, ou de compartilhar cada mínimo detalhe de um caso clínico a fim de melhor corroborar determinado ponto de vista teórico. Para tais processos certamente fica melhor o uso de *Unterdrückung* e seus derivados. Há que se considerar, no entanto, que esta pode ter uma abrangência muito maior, e que o fato dela ajustar-se bem a esses casos mais corriqueiros não implica em negar sua utilidade nos casos mais complexos e profundos.

OS MECANISMOS DE DEFESA E AS DIFERENTES CONSTITUIÇÕES EGOICAS

Os parágrafos seguintes trazem os pontos que no decorrer desta pesquisa mais ameaçaram estremecer nossa hipótese, pois neles a distinção conceitual entre *Unterdrückung* e *Verdrängung* parece de fato se impor de modo claro e justificado. O fato de tal entendimento não se manter firme nos escritos seguintes não deve nos impedir de dar o devido valor a tais passagens.

A distinção entre *Verdrängung* e *Unterdrückung* parece ganhar força, bem como contornos ainda subexplorados, na discussão de Freud sobre as “relações entre angústia e repressão [*Angst und Verdrängung*]” (1933/2010c, p. 234; 1933/1961a, p. 95). Tendo chegado à reformulação de que é a angústia que provoca a *Verdrängung*, e não o inverso como pensara até então, Freud se propõe a tarefa de organizar melhor sua teoria. Nessa organização, vê-se que *Unterdrückung* e *Verdrängung* participam em condições diversas, sinalizando então a possibilidade da não equivalência entre os dois termos.

Vejamos: “como imaginamos agora o processo de uma repressão [Verdrängung] sob influência da angústia?”, pergunta-se Freud. Sua resposta é a seguinte:

[...] o Eu nota que a satisfação de uma exigência instintual emergente vai conjurar uma das situações de perigo que são bem lembradas. Logo, esse investimento instintual tem de ser suprimido [*unterdrückt*], cancelado, tornado impotente. Sabemos que o Eu consegue realizar essa tarefa, quando é forte [*stark*] e incluiu o impulso instintual em sua organização. (1933/2010c, pp. 234-235; 1933/1961a, p. 96, grifo nosso).

Cabe destacar o que parece não ter recebido a devida atenção por parte dos comentadores: segundo a citação acima, a *Unterdrückung* seria então um processo específico que ocorreria apenas na condição do Eu ser já suficientemente forte – ou seja, bem estruturado, consistente, estável – a fim de poder primeiramente ocupar-se do investimento pulsional em questão – é o que significa a ideia de incluir tal impulso instintual em sua organização – para então abafá-lo, bloqueá-lo, inativá-lo. Incluir o impulso na organização egoica implica também na possibilidade de manejá-lo conscientemente: eis um Eu capaz de ter consciência do caráter ambíguo de um dado impulso vivido como próprio, ao mesmo tempo prazeroso e desprazeroso, desejável e condenável, ante o qual ele tem condições de encaminhamento, de deliberação. É apenas nessa configuração egoica que seria possível ter sucesso na execução da *Unterdrückung*, o que tornaria então dispensável o recurso a outros expedientes defensivos.

Mas e quando o Eu ainda não alcançou tal força necessária para realizar a *Unterdrückung*? Nesse caso, seria impossível ao Eu ocupar-se de fato dos investimentos pulsionais ameaçadores. Estes não poderiam ser incluídos em sua organização. Nessa situação “[...] o impulso instintual ainda pertence ao Id, e o Eu se sente fraco [*schwach*] [...]” (1933/2010c, p. 235; 1933/1961a, p. 96).¹⁰ Não sendo possível ao Eu ocupar-se de fato dos montantes de excitação pulsional, ele o faz em pensamento, entendido aqui como “um agir experimental” anterior à ação em si, anterior à exposição mesma aos influxos pulsionais.¹¹ O acionamento do pensamento bastaria para produzir já o sinal de angústia, poupando então o sujeito de ter que lidar com a situação de fato:

O Eu antecipa a satisfação do impulso instintual questionável, permitindo-lhe que reproduza as sensações de desprazer no começo da temida situação de perigo. Com isso entra em ação o automatismo do princípio do prazer-desprazer, que efetua a repressão [Verdrängung] do perigoso impulso instintual. (1933/2010c, p. 235; 1933/1961a, p. 96).

Ou seja, na condição de “Eu fraco”, incapaz de lidar *de fato* com impulsos perigosos na esfera da consciência, a estratégia viável consistiria na *Verdrängung*. Ao se considerar esses desenvolvimentos freudianos, o diferencial decisivo entre os processos repousaria no aparato egoico envolvido: se suficientemente forte e estável, torna-se possível a *Unterdrückung*; se ainda frágil, imaturo, há que se recorrer à *Verdrängung*.

Essa parece ser uma boa razão, apoiada na obra madura de Freud, para se posicionar favoravelmente a uma diferenciação clara entre *Unterdrückung* e *Verdrängung*.¹² Parece, portanto, a que mais poderia estremecer nossa defesa da inexistência de uma diferença radical entre ambos os termos. Tais desenvolvimentos, no entanto, não prosperam nas conferências seguintes, nas quais nada mais consta sobre essas estruturas egoicas constitucionalmente desiguais.

A primeira aparição do termo *Unterdrückung* na conferência *A feminilidade* se dá em meio a uma discussão sobre a influência da organização social nos papéis esperados para as mulheres, os quais em geral comportam maiores doses de passividade. A ordem social está no centro do debate e Freud mostra-se um crítico de tal condenação da mulher. Mas isso não impede que ele indique também a participação de forças nada culturais, nada sociais, nada políticas, mas sim constitucionais nessa determinação:

Há um nexos particularmente constante entre feminilidade e instintos, que não pretendemos ignorar. A supressão [*Unterdrückung*] da agressividade, *prescrita constitucionalmente* e imposta socialmente à mulher, favorece o desenvolvimento de fortes impulsos masoquistas [...]. De modo que o masoquismo é, como se diz, realmente feminino. (1933/2010b, p. 268; 1933/1961e, p. 123, grifo nosso).

Na mesma conferência, Freud discute as três direções possíveis que o desenvolvimento psicosssexual da menina pode tomar a partir da descoberta da própria castração – a saber, a inibição sexual, o complexo de masculinidade e a feminilidade normal. Quanto ao primeiro destino, tal inibição decorreria da impossibilidade de seguir extraindo prazer da masturbação clitoridiana – masturbação entendida por Freud como fálica, portanto – devido ao impacto da inveja do pênis: “[...] ela renuncia à satisfação masturbatória com o clitóris, rejeita [*verwirft*] seu amor à mãe e, não raro, reprime [*verdrängt*] assim uma boa parte de seus impulsos sexuais.” (1933/2010b, p. 282; 1933/1961e, p. 135)

A análise de Freud salienta a importância da masturbação infantil, e não a da adolescência, na etiologia das neuroses, tese há muito familiar em sua teoria. Afirma serem importantes “[...] todos os detalhes factuais da masturbação infantil: se ela foi descoberta ou não, como os pais a combateram ou permitiram, se ele mesmo [o indivíduo] conseguiu suprimi-la [*unterdrücken*]”. (1933/2010b, p. 283;

1933/1961e, p. 136) Nota-se prontamente que este trecho enfraquece consideravelmente a tese de que a *Unterdrückung* teria sempre uma origem externa, já que o agente da *Unterdrückung* aqui é o próprio sujeito. Nota-se ainda a dificuldade em afirmar categoricamente os limites entre os alvos da *Verdrängung*, da *Unterdrückung* e, considerando a citação acima, também da *Verwerfung*.¹³

O problema da relação entre os universos adulto e infantil, entre os propósitos educativos e as inclinações pulsionais primitivas, tem um importante aporte na conferência seguinte, *Esclarecimentos, explicações, orientações*. Nela Freud discute as vantagens e os obstáculos de uma eventual profilaxia dos adoecimentos neuróticos. Sua opinião final quanto ao tema não deixa de ser instigante: “a análise dos professores e pedagogos parece ser uma medida profilática mais eficaz do que a das crianças mesmas [...]” (1933/2010d, p. 312)

Mas o ponto que mais nos interessa recai sobre sua avaliação do papel da Educação sobre a vida infantil. Quanto a isso, Freud parte do princípio de que “[...] a primeira tarefa da educação” consiste em fazer a criança

[...] aprender a dominar os instintos [...] a educação tem de inibir, proibir e suprimir [*hemmen, verbieten, unterdrücken*], o que sempre fez em todas as épocas. Mas aprendemos com a análise que justamente essa supressão dos instintos [*Triebunterdrückung*] acarreta o perigo do adoecimento neurótico. Vocês se recordam que examinamos detidamente como isto sucede. (1933/2010d, pp. 310-311, 1933/1961b, p. 160).

A princípio, tal passagem fortalece a ideia de que o agente da *Unterdrückung* é externo – a Educação enquanto instituição, os professores e pedagogos que a personificam etc. Nesse ponto, tanto Souza quanto antes dele James Strachey fazem uma observação em nota remetendo o leitor às conferências 22 e 23, *Considerações sobre desenvolvimento e regressão. Etiologia e Os caminhos da formação dos sintomas*, nas quais essa ideia da Educação enquanto elemento favorecedor das psiconeuroses é discutida. Indicação apropriada para se chegar a essa discussão passada que Freud apenas sinalizou vagamente aqui. Porém, ao se apurar o problema nessas duas conferências indicadas pelos tradutores, não se encontra nenhuma menção à palavra *Unterdrückung*, e sim apenas à *Verdrängung*.

Ora, em nosso entendimento, no pensamento de Freud as conferências 22 e 23 respaldam sim, de modo mais aprofundado, isso que na conferência 34 ele está discutindo como efeitos da *Triebunterdrückung*, e não parece ser um problema para ele que esse aprofundamento se dê apoiado no termo *Verdrängung*, demonstrando assim o quanto tais termos são muito mais próximos do que se supõe.

OS ÚLTIMOS ESCRITOS

A metapsicologia do analista é tratada em *Análise terminável e interminável*, especialmente no que diz respeito à necessidade dele periodicamente sumeter-se novamente ao processo analítico, a fim de evitar alguns “perigos da análise” tais como o seguinte:

Não seria de admirar se, ocupando-se ininterruptamente com todo o material reprimido [*mit all dem Verdrängten*] que pejeja por libertar-se na psique humana, o analista visse despertarem também nele próprio as exigências instintuais que ele ordinariamente pode conservar na repressão [*in der Unterdrückung erhalten kann*]. (1937/2018a, pp. 320-321; 1937/1961d, p. 95).

Noutra versão recente os tradutores optaram por utilizar “com todo o recalcado” e “manter reprimidas”, respectivamente, para verter os trechos entre colchetes acima. (Freud, 1937/2016, p. 357) Por um lado, trata-se de um compromisso com a decisão editorial adotada de traduzir sempre *Verdrängung* por *recalque* e *Unterdrückung* por *repressão*. Por outro lado, tal diferenciação terminológica não anula o fato de que o processo em si tratado por Freud – a saber, essa eventual irrupção também no analista, mobilizada pelos processos psíquicos dos pacientes, de exigências pulsionais até então afastadas da consciência – diz exatamente da mesma coisa, apesar do uso alternado dos termos.

Em *Construções na análise*, ao tratar das bases sobre as quais o processo analítico pode se apoiar a fim de alcançar suas metas terapêuticas, Freud elenca os fragmentos de lembranças perdidas, tais como se apresentam em sonhos, pensamentos espontâneos produzidos no decorrer das associações livres, “[...] nos quais podemos encontrar alusões às vivências reprimidas [*verdrängten Erlebnisse*] e derivados dos afetos suprimidos [*unterdrückten Affektregungen*], assim como das reações a eles [...]” (1937/2018c, p. 329; 1937/1961g, p. 44)

Há quem defenda que somente a cota de afeto de um determinado complexo psíquico pode ser alvo da *Unterdrückung*, enquanto os alvos da *Verdrängung* seriam sempre os representantes ideativos das pulsões.¹⁴ Hanns, no entanto, entende que “[...] Freud às vezes emprega *Unterdrückung* na acepção de uma operação consciente de reprimir *uma ideia ou um afeto*.” (1996, p. 365, grifo nosso) Laplanche e Pontalis vão no mesmo sentido: a *Unterdrückung* pode, sim, incidir sobre representantes ideativos das pulsões desagradáveis, além dos afetos.¹⁵ Porém eles entendem que ao contrário da *Verdrängung*, quando isso ocorre o resultado é um afastamento da consciência não para o *Ics*, mas para o *Pcs*: “[...] tratar-se-ia de uma exclusão para fora do campo de consciência atual, e não da passagem de um sistema (pré-consciente–consciente) para outro (inconsciente).” (2000, p. 458) Os mesmos autores estabelecem ainda uma hierarquia entre os dois

processos, segundo a qual “[...] o recalque seria uma modalidade especial de repressão.” (Ibid., p. 457)

A ideia de que *Verdrängung* remete a processos defensivos intrapsíquicos entre instâncias *Pcs-Cs* e *Ics* enquanto *Unterdrückung* diz de processos de censura do meio em relação ao indivíduo encontra um bom reforço em *Moisés e o monoteísmo: três ensaios*. A *Verdrängung*, especialmente no terceiro ensaio, ponto E, é descrita exatamente dentro dos limites defendidos por Laplanche e Pontalis, Bettelheim, Coutinho Jorge etc. (Maireno, 2023) Paralelamente, quase todas as menções à *Unterdrückung* no texto aludem à dimensão social, cultural, especialmente religiosa, recaindo sobre os povos, indivíduos, suas produções bibliográficas etc. Freud fala, por exemplo, do “clero reprimido [*unterdrückten Priesterschaft*]” (1939/2018d, p. 36; 1939/1961c, p. 121) pelas medidas intolerantes de Akhenaton; fala da expectativa de encontrar o que foi “suprimido e renegado [*Unterdrückte und Verleugnete*]” (ibid., p. 64; ibid., p. 144) em textos sagrados deformados/falseados ao longo da história; das revoltas contra a autoridade de Moisés em suas jornadas, as quais eram “reprimidas com sangrenta punição [*durch blutige Züchtigung unterdrückt*]” (ibid., p. 70; ibid., p. 149) por ordem de Jeová; da iniciativa russa visando melhorar a vida de milhões de pessoas até então “mantidas na opressão [*in der Unterdrückung festgehaltener*]” (ibid., p. 78; ibid., p. 157); da possível interdição à atividade psicanalítica por parte da religião católica majoritária, considerando que “tais métodos de repressão [*Methoden der Unterdrückung*] não são nada alheios à igreja” (ibid., p. 80; ibid., p. 158); da fragilidade numérica do povo judeu como uma condição que “convida à sua opressão [*fordert zu deren Unterdrückung auf*]” (ibid., p. 128; ibid., p. 197), uma questão da psicologia das massas que amplificaria então o ódio antissemita.

Todas essas passagens assinalam processos que bem poderiam transcorrer na esfera *Pcs-Cs*, sem implicar nenhuma transposição para o *Ics* – o que é outro argumento defendido pelos que defendem a especificidade desse mecanismo em contraste com a *Verdrängung*. Mas o texto fala também da “hostilidade reprimida a Deus [*unterdrückten Gottesfeindschaft*]” (ibid., p. 185; ibid., p. 243) como origem da consciência moral, algo tematizado especialmente em trabalhos como *O eu e o id*, *O problema econômico do masoquismo*, *O mal-estar na civilização*, *A dissecação da personalidade psíquica* entre outros nos quais a dimensão intrapsíquica se destaca em detrimento da interpessoal, social ou política.

Mais correto seria falarmos então em *verdrängten Gottesfeindschaft*? Não é o que vemos Freud fazer. Importa lembrar também o que discutimos anteriormente sobre a presença da herança arcaica no processamento da consciência moral a partir do ódio à autoridade, seja ela o pai da horda primeva, o pai da família ou o sucedâneo pai divino, um elemento que nos obriga a considerar o peso da dimensão intrapsíquica.

Cabe frisar ainda que esta última passagem se insere numa discussão sobre o caso especial do retorno do reprimido – *die Wiederkehr des Verdrängten* – na tradição

monoteísta judaica. Em seguida a ela, para acentuar ainda mais a semelhança com a *Verdrängung* nos casos individuais, Freud menciona as “formações reativas neurótico-obsessivas”, ambas cumprindo a meta de autopunição pelos pecados imaginados ou desejados, e ambas compartilhando também a característica de serem eternamente inacabadas, ensejando ajustes e deformações intermináveis. Ou seja, teríamos aqui exemplos em escala social do retorno do reprimido, *Wiederkehr des Verdrängten*, daquilo que fora... suprimido (!), como é o caso da hostilidade a Deus, *unterdrückten Gottesfeindschaft*. Impossível desconsiderar a intercambialidade dos dois termos aqui.

Avançando sobre o Compêndio de psicanálise, Freud recapitula entre tantas outras coisas sua teoria do desenvolvimento psicosssexual, as fases da libido, as diferenças entre os percursos de meninos e meninas etc. Segundo tal síntese, ao se chegar à fase genital, alguns destinos são mapeados como possíveis para o que até então existira enquanto vida sexual. Pode ocorrer que:

1) vários investimentos libidinais anteriores são mantidos; 2) outros são acolhidos na função sexual como atos preparatórios, sustentadores, cuja satisfação dá o assim chamado “prazer preliminar”; 3) outros impulsos são excluídos da organização, sendo ou suprimidos (reprimidos) [unterdrückt(verdrängt)] ou tendo outro emprego no Eu, formando traços de caráter, sofrendo sublimações com deslocamentos de metas. (1940[1938]/2018b, p. 204; 1940[1938]/1955a, p. 77)

Não deixa de ser surpreendente num texto contemporâneo ao seu *Moisés e o monoteísmo*, no qual, como visto acima, seria até possível insistir numa distinção clara entre *Verdrängung* e *Unterdrückung*, que ambos apareçam aqui inequivocamente como sinônimos, caracterizando um mesmo destino – o da exclusão da formatação sexual final – que se contraporiam aos demais destinos, tais como a sedimentação de pendoros pulsionais no caráter, ou suas eventuais sublimações, ou suas manutenções em modalidades sexuais abertamente perversas etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Hanns, “frequentemente Freud parece diferenciar dois termos semelhantes: *Verdrängung* (recalque) e *Unterdrückung* (em geral traduzido por “supressão”). [...] Em outras ocasiões Freud utiliza ambas as palavras de forma pouco diferenciada [...]”, concluindo que “[...] não se trata de uma diferenciação que tenha sido muito elaborada.” (1996, p. 365). Por sua vez, Souza afirma:

Há estudiosos de Freud que preferem “repressão” para *Unterdrückung* e “recalque” para *Verdrängung*, enquanto outros adotam “supressão” e “repressão”, como aqui fizemos.¹⁷ [...] há argumentos para as duas opções e até mesmo para a não

distinção entre *Unterdrückung* e *Verdrängung*, às vezes usados alternadamente por Freud. (In Freud, 1911/2010, p. 88).

É essa última opção apontada por Souza que enfatizamos, apostando que os indícios apontados no presente artigo são suficientes para bem justificá-la. Nossa hipótese levantada em estudo anterior (Maireno, 2023), feita a partir da produção teórica inaugural de Freud, de que a clara discriminação conceitual entre *Verdrängung* e *Unterdrückung* não se sustenta na obra freudiana, segue fortalecida após a presente abordagem de sua produção derradeira. Não é verdade que a *Unterdrückung* não é usada por Freud para referir-se a processos transcorridos *inconscientemente*; não é verdade que ao falar em *Unterdrückung* Freud estaria sempre pensando em processos que atravessariam no máximo as fronteiras entre Cs e Pcs, jamais entre Pcs-Cs e Ics; não é verdade que a *Unterdrückung* remeteria sempre, no texto freudiano, a uma ideia de intervenções externas incidindo sobre os indivíduos.

Se em alguns pontos do material aqui analisado as supostas diferenças entre os termos ganham relevo, em outros as semelhanças, alternâncias ou confluências se impõem, o que em nosso entendimento inviabiliza qualquer tentativa de discriminação radical entre eles.

Uma investigação posterior poderia se debruçar sobre as razões pelas quais justamente o ponto que mais prestaria serviços a essa diferenciação – a saber, aquele sobre as relações entre, de um lado, *Unterdrückung* e egos mais fortes e, de outro, *Verdrängung* e egos mais fracos, encontrado na conferência *Angústia e instintos* – parece não ter sido bem aproveitado até o momento pelos que defendem tal diferenciação radical. Talvez seja pelo fato de tal ponto implicar a discussão sobre o desenvolvimento do Ego, suas características e consistências, outro tema recheado de tensões e querelas entre tradições psicanalíticas.

Em suma, a insistência na diferenciação entre *Verdrängung* e *Unterdrückung* e seu desdobramento para o debate em torno dos termos necessários para bem vertê-los ao português – repressão, recalçamento, supressão – parece mais um bom exemplo do que Francis Bacon (1620/1973) denominara *Idola Fori*.¹⁸ Para superar esse problema, entendemos que não há saída senão assumir algumas obviedades: que o significado dos termos sempre estará subordinado ao fluir dos textos, e que no caso de autores gigantes como Freud talvez só seja possível fazer tal verificação pelo simultâneo acompanhamento em seus idiomas originais. Trabalho extra e por vezes indesejável, mas que pode poupar o campo psicanalítico de querelas desnecessárias.

Cabe manter ainda o questionamento quanto ao que estaria na base de tais querelas em torno da tradução de Freud: se não é razoável ancorá-las de fato em sua obra, a que isso se deve? Como indicado em nosso estudo anterior, seguimos suspeitando que se trata muito mais de questões ligadas à forma como a Psicanálise foi e tem sido institucionalizada ao longo de sua história, sua

sedimentação nas mais diversas tradições antagônicas, algo por vezes muito ligado à dimensão identificatória, ao narcisismo das pequenas diferenças, à psicologia das massas, ou seja, ao que há de pior nas relações humanas.

Outra obviedade inconveniente: mesmo psicanalistas não estão imunes a isso.

REFERÊNCIAS

- Bacon, F. (1973) *Novum Organum*. In F. Bacon, *Os Pensadores*. (J. A. R. Andrade, Trad., v. 13, pp. 19-238). São Paulo, SP: Abril Cultural. (trabalho originalmente publicado em 1620).
- Dunker, C. I. L. (2017, 20 de Setembro) *Afeto, emoção e sentimento na psicanálise* [Vídeo]. YouTube. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=LNjcXFKGW_c
- Figueiredo, L. C. (1999) *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo, SP: Escuta.
- Freud, S. (1946) *Das Unbewußte*. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Werke aus den Jahren 1913-1917*. (v. 10, pp. 264-303). London: Imago Publishing. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1955a) *Abriß der Psychoanalyse*. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Schriften aus dem Nachlass*. (v. 17, pp. 63-138). London: Imago Publishing. (Trabalho original publicado em 1940).
- Freud, S. (1955b) *Das Unbehagen in der Kultur*. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Werke aus den Jahren 1925-1931*. (v. 14, pp. 419-506). London: Imago Publishing. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1955c) *"Selbstdarstellung"*. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Werke aus den Jahren 1925-1931*. (v. 14, pp. 31-95). London: Imago Publishing. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1961a) *Angst und Triebleben*. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. (3ª ed., v. 15, pp. 87-118). Frankfurt: S. Ficher Verlag. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1961b) *Aufklärungen, Anwendungen, Orientierungen*. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. (3ª ed., v. 15, pp. 146-169). Frankfurt: S. Ficher Verlag. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1961c) *Der Mann Moses und die monotheistische Religion*. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Werke aus den Jahren 1932-1939*. (2ª ed., v. 16., pp. 101-246). Frankfurt: S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1939).
- Freud, S. (1961d) *Die endliche und die unendliche Analyse*. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Werke aus den Jahren 1932-1939*. (2ª ed., v. 16., pp. 57-99). Frankfurt: S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1961e) *Die Weiblichkeit*. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. (3ª ed., v. 15, pp. 119-145). Frankfurt: S. Ficher Verlag. (Trabalho original publicado em 1933).

- Freud, S. (1961f) Die Zerlegung der psychischen Persönlichkeit. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. (3ª ed., v. 15, pp. 62-86). Frankfurt: S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1961g) Konstruktionen in der Analyse. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Werke aus den Jahren 1932-1939*. (2ª ed., v. 16., pp. 41-56). Frankfurt: S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1961h) Revision der Traumlehre. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. (3ª ed., v. 15, pp. 6-31). Frankfurt: S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1961i) Traum und Okkultismus. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. (3ª ed., v. 15, pp. 32-61). Frankfurt: S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1961j) Warum Krieg? Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Werke aus den Jahren 1932-1939*. (2ª ed., v. 16., pp. 11-27). Frankfurt: S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (1967) Kurzer Abriß der Psychoanalyse. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: jenseits des Lustprinzips / Massenpsychologie und Ich-Analyse / das Ich und das Es*. (5ª ed., v. 13, pp. 403-427) Frankfurt: S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1969a) Die Übertragung. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. (5ª ed., v. 11, pp. 447-465). Frankfurt: S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (1969d) Widerstand und Verdrängung. Em S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet: Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. (5ª ed., v. 11, pp. 296-312). Frankfurt: S. Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (2010a) A dissecção da personalidade psíquica. Em S. Freud, *Obras Completas: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. (P. C. Souza, Trad., v. 18, pp. 192-223) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010b) A feminilidade. Em S. Freud, *Obras Completas: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. (P. C. Souza, Trad., v. 18, pp. 263-293) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010c) Angústia e instintos. Em S. Freud, *Obras Completas: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. (P. C. Souza, Trad., v. 18, pp. 224-262). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010d) Esclarecimentos, explicações, orientações. Em S. Freud, *Obras Completas: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. (P. C. Souza, Trad., v. 18, pp. 294-321). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010e) O inconsciente. Em S. Freud, *Obras Completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. (P. C. Souza, Trad., v. 12, pp. 99-150). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010f) O mal-estar na civilização. Em S. Freud, *Obras Completas: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. (P. C. Souza, Trad., v. 18, pp. 14-122). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).

- Freud, S. (2010g) Por que a guerra? Em S. Freud, *Obras Completas: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. (P. C. Souza, Trad., v. 18, pp. 417-435). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (2010h) Revisão da teoria dos sonhos. Em S. Freud, *Obras Completas: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. (P. C. Souza, Trad., v. 18, pp. 126-157). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010i) Sonhos e ocultismo. Em S. Freud, *Obras Completas: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. (P. C. Souza, Trad., v. 18, pp. 157-191). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2011a) "Autobiografia". Em S. Freud, *Obras Completas: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. (P. C. Souza, Trad., v. 16, pp. 75-167). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2011b) Resumo da psicanálise. Em S. Freud, *Obras Completas: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. (P. C. Souza, Trad., v. 16, pp. 222-251). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2012) Totem e tabu. Em S. Freud, *Obras Completas: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. (P. C. Souza, Trad., v. 11, pp. 13-244). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913).
- Freud, S. (2014a) A questão da análise leiga – diálogo com um interlocutor imparcial. Em S. Freud, *Obras Completas: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. (P. C. Souza, Trad., v. 17, pp. 124-230). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (2014b) A transferência. Em S. Freud, *Obras Completas: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. (S. Tellarole, Trad., v. 13, pp. 570-593). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (2014c) Compêndio de psicanálise. Em S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud: compêndio de psicanálise e outros textos inacabados*. (P. H. Tavares, Trad., v. 3, pp. 8-195). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1940).
- Freud, S. (2014f) Resistência e repressão. Em S. Freud, *Obras Completas: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. (S. Tellarole, Trad., v. 13, pp. 570-593). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (2016) A análise finita e a infinita. Em S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud: fundamentos da clínica psicanalítica*. (C. Dornbusch, Trad., 2ª ed., v. 6, pp. 315-364). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (2018a) Análise terminável e interminável. Em S. Freud, *Obras Completas: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. (P. C. Souza, Trad., v. 19, pp. 274-326). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (2018b) Compêndio de psicanálise. Em S. Freud, *Obras Completas: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. (P. C. Souza, Trad., v. 19, pp. 189-273). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940).
- Freud, S. (2018c) Construções na análise. Em S. Freud, *Obras Completas: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. (P. C. Souza, Trad., v. 19, pp. 327-344). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937).

- Freud, S. (2018d) Moisés e o monoteísmo – três ensaios. Em S. Freud, *Obras Completas: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. (P. C. Souza, Trad., v. 19, pp. 13-188). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939).
- Grubrich-Simitis, I. (1987) Metapsicologia e metabiologia – para o rascunho de Sigmund Freud sobre “Neuroses de Transferência: uma síntese”. In S. Freud, *Neuroses de Transferência: uma síntese (manuscrito recém-descoberto)* (A. J. Eksterman, Trad., pp. 83-120). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Hanns, L. A. (1996) *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Hanns, L. A. (2004) Os critérios de tradução adotados. In S. Freud, *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., v. 1, pp. 15-60). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Laplanche, J., & Pontalis, J-B (2000) *Vocabulário de Psicanálise*. (P. Tamen, Trad., 3ª ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Maireno, D. P. (2017) *Pulsão de morte e seus destinos nas obras de Freud e Ferenczi* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- Maireno, D. P. (2023) *Verdrängung, Unterdrückung e a querela das traduções*. *Psicologia USP*, 34, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200011>.
- Souza, P. C. (1999) *As Palavras de Freud – o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

CONFLITOS DE INTERESSES

Não há conflitos de interesses.

SOBRE OS AUTORES

Daniel Polimeni Maireno é Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (2004), com Mestrado (2010) e Doutorado (2017) em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. e-mail: dpmaireno@uem.br.

 <https://orcid.org/0000-0003-1770-5800>

¹ Após cada citação, as referências respeitarão sempre a seguinte ordem: primeiro as informações da versão em português utilizada, seguidas das informações correspondentes das *Gesammelte Werke*. Isso apenas quando o cotejamento com o texto em alemão for necessário.

² Souza estabeleceu como diretriz geral de sua tradução de Freud a seguinte alternativa: usar “repressão” para verter *Verdrängung* e “supressão” para verter *Unterdrückung*. Mas isso nem sempre é mantido, como é o presente caso. Ao utilizar aqui a mesma palavra – repressão – para verter primeiro *Verdrängung*, em seguida *Unterdrückung*, fica impossível ao leitor da obra em português captar como Freud por vezes as maneja alternadamente, como equivalentes.

³ Logo mais serão tecidos alguns comentários sobre uma terceira fonte da agressividade superegoica.

⁴ Eis a terceira possibilidade indicada na nota anterior. Para um resumo crítico desse tema, cf. Maireno (2017). Para uma abordagem mais aprofundada, cf. Grubrich-Simitis (1987) e Figueiredo (1999).

⁵ A mesma concepção se apresenta em outros textos fundamentais para apreender esse tema da “herança arcaica”, como *Totem e tabu* (1912-1913/2012) e *Moisés e o monoteísmo* (1939[1934-1938]/2018d).

⁶ Freud afirma: “Uma veemente oposição deve ter se erguido contra o avanço do processo psíquico questionável rumo à consciência, razão pela qual ele permaneceu inconsciente. [...] Durante o tratamento analítico, essa mesma oposição se dá novamente contra o esforço de conduzir o inconsciente ao consciente. Isso é o que *sentimos* como resistência. O processo patogênico que nos

é demonstrado pela resistência [*Widerstand*] leva o nome de repressão [*Verdrängung*].” (1916-1917/2014f, p. 391; 1916-1917/1969d, p. 304, grifo nosso). Daí nossa afirmação de que a resistência é algo sensível, ao contrário da repressão, um processo suposto a partir dos fenômenos resistenciais, e sem os quais ela permaneceria incognoscível.

⁷ “Mulher mundana”, no original “*Lebedame*”, cuja tradução poderia ser algo como “mulher da vida” – uma expressão pejorativa.

⁸ A vingança seria na mesma moeda pois nas fantasias do paciente, quando ele foi o rejeitado da dupla, ele quase morreu; se ela agora é a rejeitada, ela deveria então ter o mesmo destino.

⁹ A propósito, na citação é notória também a dificuldade em estabelecer claramente os limites entre necessidade [*Bedürfnis*] e desejo [*Wunsch*], tema de outra querela do campo psicanalítico.

¹⁰ Ao contrário do que se propaga em algumas tradições psicanalíticas, especialmente nas de matriz francesa (seja por ignorância, seja de má-fé), Freud fala sim em “Eu forte”, “Eu fraco” etc., e não só aqui: no *Compêndio de Psicanálise* Freud afirma que “nosso método para fortalecer o Eu enfraquecido [*das geschwächte Ich zu stärken*] parte da ampliação de seu autoconhecimento” (1940/2018b, p. 232; 1940/1955a, p. 103); pouco antes, faz referência ao “eu debilitado do paciente [*geschwächte Ich des Kranken*]” (ibid., p. 226; ibid., p. 98), o que também poderia ser traduzido por “eu enfraquecido do doente”; no mesmo texto ainda: “[...] não é de admirar que o Eu, enquanto é fraco [*das Ich, solange es schwach*], inacabado e incapaz de resistência, fracasse na superação de tarefas que depois realizará brincando.” (ibid., p. 242; ibid., p. 111). Vale a pena ler também *A questão da análise leiga* (Freud, 1926/2014a), em especial o terceiro ponto. Além disso, na Conferência 27 o vemos contrapor o Eu “débil, infantil [*schwächlich, infantil*]” dos primeiros anos ao Eu “fortalecido e experiente [*erstarkt und erfahren*]” (1916-1917/2014b, p. 580; 1916-1917/1969a, p. 455). Logo, proclamar que tal tratamento dado à estrutura egoica e seu funcionamento não se encontra em Freud, sendo tributário de correntes desviantes da obra freudiana, constitui disparate bastante suspeito do ponto de vista acadêmico.

¹¹ Freud esclarece que tal “agir experimental” ou processo de pensamento não deve ser equiparado ao pensar consciente, mas sim que tal pensar transcorre inconscientemente. O que não é um problema, desde que se tenha entendido bem o que faz parte da teoria psicanalítica pelo menos desde *A Interpretação dos Sonhos*.

¹² Curiosamente, não é nessa ideia que se apoiam aqueles que se posicionam dessa forma.

¹³ Os alvos, conforme os dois trechos, seriam então, respectivamente, os impulsos sexuais como um todo (*Verdrängung*), a masturbação infantil em si (*Unterdrückung*) e o amor à mãe (*Verwerfung*).

¹⁴ Cf., por exemplo, o que diz Christian Dunker num de seus vídeos em que se propõe diferenciar *Verdrängung* de *Unterdrückung*, adotando doravante as opções de tradução *recalque* e *repressão*, respectivamente. Segundo ele, *Verdrängung/recalque* incidiria sobre representantes ou significantes das pulsões, enquanto *Unterdrückung/supressão* incidiria exclusivamente sobre afetos. (cf. https://www.youtube.com/watch?v=LNjcXFKGW_c). Sabe-se que o artigo *O Inconsciente*, no qual se lê, por exemplo que “[...] a supressão do desenvolvimento do afeto [*die Unterdrückung der Affektentwicklung*] é o verdadeiro objetivo da repressão [*Verdrängung*]” (Freud, 1915/2010e, p. 116; 1915/1946, p. 277), entre outros, respalda tal perspectiva. O problema é o quanto a clareza conceitual atestada nesse artigo resistiu às décadas seguintes; daí a razão para inúmeros comentadores divergirem quanto a esse ponto, como se mostrará na sequência do parágrafo.

¹⁵ Freud, ao comentar em sua “Autobiografia” o caso de Anna O., afirma: “habitualmente aconteceu que, estando à cabeceira do pai, ela tivera de suprimir um pensamento ou impulso [*einen Gedanken oder Impuls hatte unterdrücken müssen*]; no lugar deste, representando-o, aparecera um sintoma.” Algumas linhas adiante, fala também que ela posteriormente realizava “[...] o ato psíquico então suprimido [*damals unterdrückten seelischen Akt*], dando livre curso ao afeto [...]” (1925/2011a, p. 94; 1925/1955c, p. 45), sugerindo ser o leque de alvos da *Unterdrückung* bastante vasto.

¹⁶ “*Feindschaft*” também poderia ser traduzido por inimizade, animosidade, ódio.

¹⁷ Vimos que esta é uma orientação editorial geral, mas que nem sempre se mantém.

¹⁸ Cf. *Novum Organum*, Livro I, aforismos 38 a 54, em especial o 53.